

CONTRIBUIÇÕES DA PÓS-GRADUAÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cinthia Maiara Corrêa¹
Linara Zancanela da Cunha²

RESUMO

O presente artigo é um relato de experiência vivenciado em duas disciplinas no programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Regional de Blumenau-SC, através de diálogos e leituras em Paulo Freire, reverberando em reflexões sobre as nossas respectivas práticas docentes nas redes públicas de Educação Infantil da região do Médio Vale do Itajaí-SC. O objetivo é compreender, na própria prática docente, a consciência fatalista para refletir sobre as situações-limites em busca de inéditos-viáveis por meio da Educação. Ao fazer leitura do mundo fatalista, entende-se a consciência da sua condição existencial. Já o inédito viável é uma categoria utilizada por Paulo Freire para transcender as situações-limites, representa uma ação já desejada, porém não viabilizada. De caráter qualitativo e descritivo, este relato busca entender a consciência fatalista através dos autores: Paulo Freire e Karl Jaspers, para refletir sobre a educação e a nossa prática docente em busca de inéditos viáveis.

Palavras-chave: Educação; fatalismo; situação-limite; inédito viável.

This article is a report on an experience experienced in two subjects in the postgraduate program in Education at the Universidade Regional de Blumenau-SC, through dialogues and readings in Paulo Freire, reverberating in reflections on our respective teaching practices on networks public early childhood education institutions in the Médio Vale do Itajaí-SC region. The objective is to understand, in teaching practice, the fatalistic consciousness to reflect on limit situations in search of unprecedented viable things through Education. When reading the fatalistic world, one understands the awareness of its existential condition. The unprecedented viable is a category used by Paulo Freire to transcend limit situations, representing an action already desired, but not made possible. This work is qualitative and descriptive, seeking to understand fatalist consciousness through the authors: Paulo Freire and Karl Jaspers, to reflect on education and our teaching practice in search of viable new.

Keywords: Education; fatalism; limit situation; unprecedented viable.

1. INTRODUÇÃO

Para (re)pensar a prática docente, iniciamos com um questionamento: estamos somente para as crianças ou, estamos com as crianças? Estes últimos, seres recentes no mundo e aos acontecimentos da história, que são apresentados ao mundo e aprendem conosco, os adultos. Como nos diz Paulo Freire “Somos seres no mundo, com o mundo, e com os outros,

por isso seres da transformação e não adaptação a ele” (2019, p. 37). Ao pensar em nossa *práxis*³ de professoras/pesquisadoras com e no mundo, elaboramos este relato de experiência, que perpassa à docência e o fazer-se pesquisadoras.

Os diálogos que aqui fundamentam foram as *práxis* reverberadas pelas leituras em Paulo Freire nas disciplinas: Teorias em Educação e Paulo Freire e a Pedagogia Crítica

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau-SC. Professora de Educação Infantil na rede municipal de Blumenau-SC, Brasil. cinthiamcorrea@gmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau-SC. Professora de Educação Física na rede municipal de Navegantes-SC, Brasil. zancanela-atletismo@hotmail.com

³ *Práxis* para Freire é a ação+reflexão, da ação+ação.

pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Regional de Blumenau/SC - FURB.

O conceito que Freire denominou de inédito viável ecoou em nossas mentes, perpassando a nossa docência. Com as inquietações provocadas, busca-se compreender na situação-limite que nos encontramos: estamos sendo professoras que em nossas práxis proporcionamos uma educação mais humanizadora e dialógica através de inéditos viáveis, ou nas situações cotidianas reproduzimos ações fatalistas?

Entre fatalismos até possíveis inéditos viáveis encontra-se professoras e crianças que vão se constituindo por meio das relações. “Foi com esses diferentes “não eu” que fui me constituindo como eu. Eu fazedor de coisas, eu pensante, eu falante” (Freire, 2019, p. 40). Estes eu, professoras e crianças em busca do diálogo como exigência existencial (Freire), com o objetivo de compreender na própria prática docente, a consciência fatalista para refletir sobre as situações-limites em busca de inéditos-viáveis por meio da Educação.

Para esta reflexão, iniciamos com a contextualização dos conceitos: fatalismo, situação-limite e inédito viável em Paulo Freire, e em seguida propomos um diálogo com estes conceitos através do relato de experiência das nossas práticas docentes, com dois exemplos vivenciados em duas instituições infantis das redes públicas dos municípios de Blumenau-SC

e Navegantes-SC.

2. MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

Metodologicamente, o relato de experiência é uma forma de produção de conhecimento que descreve através da experiência profissional ou acadêmica, visa a descrição, levantamento de opiniões através de autores na preocupação com a prática (GIL, 2008).

O presente estudo descritivo, qualitativo, trata-se de um relato de experiência, com a integração de conhecimentos teóricos e práticos, possibilitando a reflexão, contribuindo na construção de conhecimento através de vivências das discussões nas disciplinas: Teorias em Educação e Paulo Freire e a Pedagogia Crítica pelo programa de pós-graduação em mestrado da Educação pela Universidade Regional de Blumenau-SC. As reflexões através das discussões embasadas nas leituras dos livros: *Pedagogia do Oprimido e à Sombra desta Mangueira*, com os professores e pesquisadores do PPGE-FURB no decorrer do segundo semestre de 2023, dialogaram com a nossa prática docente, reverberando em questionamentos com relação ao papel do professor no contexto da Educação Infantil.

Os exemplos apresentados de duas práticas nas redes públicas de Educação Infantil dos Municípios de Blumenau-SC e Navegantes-SC, são objetos de análise para a reflexão através

das discussões com autores e em especial com Paulo Freire e Karl Jaspers.

3. O HOJE NÃO É DIFERENTE DO ONTEM: CONSCIÊNCIA FATALISTA NA BEIRA DA SITUAÇÃO-LIMITE

Antes de adentrar ao conceito de fatalismo, convidamos você leitor a fazer um exercício de reflexão: como você se sente com relação à sua situação existencial? A maneira como você se percebe no e com o mundo, ao pensar sobre a situação que se encontra. Estes pensamentos estão imersos em crenças predestinadas ou, a eventos inevitáveis? Se a sua resposta for sim, provavelmente você se encontra em alguma situação fatalista. Mas quem de nós, nunca se deparou com uma situação em que parece que não há solução?

Para isto, este capítulo busca compreender o conceito de consciência fatalista recorrendo aos autores Paulo Freire e Karl Jaspers, para pensar sobre a situação que se encontra a educação, a prática docente e a busca de inéditos viáveis.

Ao pensar sobre a consciência fatalista, o Dicionário Freire, Jaime José Zitkoski (2010, p. 298) esclarece que:

A partir do diálogo entre as perspectivas filosóficas da dialética e da fenomenologia existencial, Freire concebe uma proposta antropológica inovadora, que destaca o processo de humanização a partir de uma revolução cultural. Nessa direção, o pensamento freiriano é radicalmente contra todas as visões e/ou posturas fatalistas

diante da compreensão da existência humana no mundo.

O fatalismo está no nível de consciência que Paulo Freire chamou de consciência mágica, na qual a existência é explicada por não agir, ou agir pouco no meio em que se está inserido e buscar para significar a existência fenômenos que outros impõem a sua realidade (Freire, 2021a), como deixar-se levar pelo destino.

Ao fazer sua leitura de mundo fatalista, entende-se a consciência da sua condição. Compreende a situação que se encontra.

Fatalismo neste sentido não pode ser entendido como falta de consciência, no livro: *À Sombra desta Mangueira*, no capítulo *Esperança*, Freire inicia suas reflexões, por uma fala de um jovem camponês, uma fala carregada de compreensão fatalista, “quando aquele homem ainda moço, sob o peso de seu cansaço existencial, dizia “sou um camponês, não tenho amanhã diferente do hoje, que também não é diferente do ontem”, explicitava sem dúvida a compreensão fatalista de sua presença de mundo”. (Freire, 2019, p. 48).

Pensar criticamente é suficiente para sair da condição fatalista que se encontra? Assim como o camponês citado por Freire, que demonstra profunda compreensão ao dizer que “não tenho amanhã diferente do hoje, que também não é diferente do ontem” (Freire, 2019, p. 48). Pensar sobre a situação-limite que se encontra, necessita da transformação do hoje, para o amanhã, e esta transformação, só acontece

no coletivo.

Ao pensar na existência, implica-nos pensar na nossa história no contexto da história humana. Assim como Freire que buscou no pensador, psiquiatra e filósofo Karl Jaspers (1883 - 1969), conceitos da filosofia existencial, exploramos, neste último autor, para pensar na consciência fatalista, os conceitos de situação e situação-limite que se associa com a historicidade.

O ser humano está sempre em situação, essa por vezes, pensadas sobre algo vivido, em outros momentos as situações cotidianas, como exemplo as rotinas escolares ou o trabalho, que passam despercebidas. Como afirma Jaspers, “certifiquemo-nos da nossa situação humana. Estamos sempre em determinadas situações. Estas modificam-se, surgem novas oportunidades; se as desperdiçamos, não tornam a oferecer-se. Por mim posso agir alterar a situação[...]” (1972, p. 24).

Na circunstância em que nos questionamos, fundamentais para a nossa existência encontra-se às situações-limite. “Nas situações-limite revela-se o nada ou torna-se sensível aquilo que autenticamente é, apesar de e para além do ser mundano evanescente. O próprio desespero, pelo facto de ser possível no mundo, aponta para além do mundo” (Jaspers, 1972, p. 28). Ou seja, cada ser humano pode enfrentar suas próprias situações-limite, desde experiências que incluem uma doença, sofrimento extremo, a morte. Estas diferentes

maneiras servem como oportunidade de tomada de consciência:

A tomada de consciência destas situações-limite é após o espanto e a dúvida, a origem mais profunda da filosofia. Na existência comum esquivamo-nos a elas muitas vezes, fechando os olhos e vivendo como se não existissem. Esquecemos que temos que morrer, esquecemos a nossa culpabilidade e a nossa sujeição ao acaso. Defrontamo-nos assim apenas com situações concretas que resolvemos em nosso benefício e às quais reagimos por planos e actos instigados pelos interesses da nossa existência no mundo. As situações-limites, porém, a nossa reação é diferente: ou as ignoramos ou, se realmente as apreendemos, desesperamos e readquirimo-nos a nós próprios por uma metamorfose da nossa consciência do ser. (Jaspers, 1972, p. 21, 22).

Freire, busca mais definições para o conceito situação-limite através dos estudos do professor Álvaro Vieira Pinto. Diferentemente do pensamento de Jaspers, este conceito para Vieira Pinto encontra-se como: “[...] as situações-limite não são a fronteira entre o “ser” e o “nada”, mas fronteira entre o “ser” e o ser “mais ser”[...]” (1960, p. 284). A situação-limite pode ser definida como “[...] o estado de consciência coletiva que não quer mais ser o que é, não aceita mais continuar a existir nas circunstâncias habituais e exprime a nova compreensão do seu ser forma de veemente protesto contra a realidade.” (Pinto, 1960, p. 284).

Estas situações podem ser interpretadas como protesto para justamente enfrentá-las na busca da superação.

São nas situações-limite que nos deparamos com a nossa existência, são as

circunstâncias existenciais que parecem impossíveis, as vontades que temos, mas que acreditamos serem difíceis demais ou não serem possíveis de realizar. Também no momento da percepção há esperança em buscar a superação, ou seja, são nas situações-limite, nos limites das experiências e através da educação, que estas autoras pensam no inédito viável, pois “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar a possibilidade para a sua própria produção ou construção” (Freire, 2011, p. 47).

4. PODEMOS FAZER DIFERENTE? EM BUSCA DE INÉDITOS VIÁVEIS

O inédito viável é uma categoria utilizada por Paulo Freire para transcender as situações-limites, está última já especificada como a história pré-determinada.

Essa nova categoria parte de dois movimentos para ser posta em prática. O professor Oscar Jara (2021) nos mostra quais são os movimentos necessários: o primeiro é um movimento de cunho epistemológico, ético, político e pedagógico. Já o segundo é o anúncio de transformação, da possibilidade da ação.

Como fazemos a transcendência da situação-limite para o inédito viável? Anunciar, apontar e problematizar a história, o contexto e as circunstâncias, construindo a criticidade da realidade como objeto de análise, sempre em conjunto com os demais. Gadotti (2007, p. 109) em seu glossário, ajuda-nos a entender o sentido deste conceito:

Inédito viável. Expressão utilizada por Paulo Freire para designar o devir, o “ainda”, o futuro a se construir, a futuridade a ser criada, o projeto a realizar. Essa expressão tem a ver com a noção de sonho e de utopia. Para Paulo Freire a utopia está ao mesmo tempo no ato de denúncia do mundo desumano e no de anúncio do mundo humano a ser construído pela nossa ação transformadora. Inédito viável é a possibilidade ainda inédita de ação que não pode ocorrer a não ser que superemos as situações-limites [...], transformando a realidade na qual ela está com a nossa práxis.

Esse inédito representa a concretude de uma ação já desejada, porém não viabilizada. Inviabilizada pela falta de postura crítica e práxis transformadora. É inédito, por ainda não ter acontecido, apesar de já imaginado. É viável, porque pode, ou não, vir a acontecer, dependendo do agente transformador.

Para tal práxis transformadoras é necessário desenvolvermos ações coletivas que acentuam o desenvolvimento da criticidade, desnudando a realidade na qual se existe. Ações como mobilizações, encontros e propostas inovadoras.

Para isto, implica um processo de reflexão de uma situação existencial e a sua codificação para a descodificação, que permitirá a “percepção da percepção anterior” (Freire, 2021b, p. 153), uma análise da situação codificada. Com a descodificação do sujeito, ampliam-se as visões de mundo. Isto implica um movimento de abstração a concretude, ter a percepção da percepção anterior, e este conhecimento estimula a emergência de uma

nova percepção e expansão de novos conhecimentos. (Freire, 2021b).

No livro *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1997), Ana Maria Araújo Freire comenta que o conceito de inédito viável, é uma das reflexões mais instigantes. Ao compreender como seres conscientes, esta existência implica em barreiras que nos deparamos no decorrer da vida e estas são as situações-limites.

A superação das situações-limites, ocorre na ação por meio dos atos-limites, “esses se dirigem, então, à superação e à negação do dado, da aceitação dócil e passiva do que está aí, implicando dessa forma uma postura decidida frente ao mundo” (Freire, 1997, p. 127). A mesma autora no livro *Dicionário Freire*, explica mais definições para o conceito de inédito viável:

Uma palavra epistemologicamente empregada por Freire para expressar, com enorme carga afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas. Uma palavra que carrega no seu bojo, portanto, crenças, valores, sonhos, desejos, aspirações, medos, ansiedades, vontade e possibilidade de saber, fragilidade e grandeza humanas. Carrega inquietude sadia e boniteza arraigada na condição de ser-se homem ou mulher. Palavra na qual estão intrínsecos o dever e o gosto de mudarmos a nós mesmos dialeticamente mudando o mundo e sendo por este mudado. Que traz na essência dela mesma o que podemos sentir e desejar e por ela lutar e sonhar; o que pode nos incomodar, inconformar e nos entristecer nas fraquezas dos seres humanos levados

pela ingenuidade verdadeira ou pela deformação antiética. Palavra que nos traz, sobretudo a esperança e o germe das transformações necessárias voltadas para um futuro mais humano e ético, para alcançarmos o destino ontológico da existência humana. (Freire, 2010, p. 373, 374)

Em síntese, do que pode ser a categoria inédito viável, nos colocamos como agentes transformadores da história, e não objeto dela, história essa que outros estão criando. Passamos então a interagir de forma consciente e crítica no dia a dia, e nas situações e circunstâncias que afetamos e somos afetadas.

5. O RELATO DE PROFESSORAS/PESQUISADORAS NA BUSCA DA SUPERAÇÃO DE FATALISMOS PARA POSSÍVEIS INÉDITOS VIÁVEIS

Entre momentos de discussões nas disciplinas: Teorias em Educação e Paulo Freire e a Pedagogia Crítica pelo programa de mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau-SC, PPGE-FURB, diálogos foram reverberados a partir de seminários e leituras dos livros: *Pedagogia do Oprimido* e *À Sombra desta Mangueira*.

Nossas conversas rizomavam⁴ entre a prática docente, projetos com as crianças nas instituições nas quais lecionamos e as provocações que estes encontros com

⁴ Rizoma é um conceito desenvolvido pelos filósofos Deleuze e Guattari em sua obra *Mil Platôs*. Representa um

pensamento não linear e não hierárquico, é uma rede de conexões interconectadas.

professores, colegas de turma e leituras provocavam: nossa prática pode ser considerada uma práxis? Estamos a reproduzir conhecimentos e propostas para ocupar este tempo das crianças ou proporcionamos experiências com os conhecimentos em possíveis inéditos viáveis?

Contextualizando que, a prática docente está entrelaçada ao currículo e as documentações vigentes como exposto nas DCNEI (2010, p, 12): “Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.”

Mas, porquê, utilizar os ensinamentos de Paulo Freire para pensar em Educação Infantil? É comum associarmos este pensador a alfabetização de adultos, projeto que Freire se dedicou por uma educação como prática para a liberdade.

Mesmo que não tenha se dedicado às crianças de maneira cronológica, as suas contribuições possibilitam pensar a Infância na Educação e na Filosofia, como cita Walter Omar Kohan no livro *Paulo Freire: um menino de cem anos* (2021), este conjunto de ensaios que, entre as reflexões, busca na pergunta para pensar a educação infantil, na potência da curiosidade, do saber mais, da pergunta.

Pegamos emprestadas as palavras de

Kohan no capítulo: *Paulo Freire e a (sua) infância educadora* para pensar em uma educação através da pergunta:

Por essas razões, pensamos que uma educação de verdade é uma educação na pergunta e no perguntar e, por isso, ela é também uma educação infantil. Assim concebida, uma educação de verdade é também uma educação infantil, não porque ela atenda a sujeitos cronologicamente infantis, mas porque cuida da dimensão infantil da vida que pessoas, de qualquer idade, através das perguntas e do perguntar, podem encontrar. Desse modo, uma pedagogia da pergunta devém uma pedagogia da infância, para a infância, com a infância, desde a infância, através da infância. Não é uma pedagogia que toma a infância como seu objeto, mas uma pedagogia que se inspira na infância, que toma da infância sua força perguntadora e vive, assim, da potência de uma vida infantil; uma educação que encontra, através das perguntas e do perguntar, a infantilidade da vida através de uma pedagogia na e da infância. (Kohan, 2021 p. 53, 54)

São nas perguntas, estas que possam parecer as mais simples, que moram, possibilidades de aprendermos juntos. Crianças e professoras em relação. É também na pergunta que nos deparamos com as situações-limites que este relato descreve. Duas situações vivenciadas com diferentes grupos de crianças de dois espaços educacionais das redes públicas de Blumenau e Navegantes-SC.

A primeira situação aconteceu em um Centro de Educação Infantil em Blumenau-SC, com um contexto de exploração com algumas vagens de feijão-branco trazidos por uma das professoras regentes de uma turma com crianças de idades de 3 e 4 anos.

Uma caixa de papelão com estas hortaliças reverberou em curiosidade, hipóteses, manuseio para explorar, compreender o que era ‘aquilo’. Cheiro, toque e as primeiras hipóteses: “é um pepino?”, “é uma banana grande?”, perguntas dirigidas às professoras que para instigar essa curiosidade trouxeram também pepinos e levaram as crianças a uma bananeira no jardim da instituição para pesquisar e fazer comparações.

No momento seguinte uma descoberta: ao dobrar esta vagem ela se quebrava em duas, três e até mais partes evidenciando algo dentro: grãos de feijão-branco. Mais comentários e mais questionamentos: são ovos? Ovos de passarinho? Ao pensar nesta proposta em que a professora poderia ter dirigido esta situação, limitando a uma explicação sobre o feijão-branco haveria tantos questionamentos, investigações?

Ao pensar nas propostas explicativas, possibilidades de imaginar e pesquisar se tornam secundárias, transformando em momentos de respostas. A situação-limite que nos encontramos é justamente em refletir a nossa práxis, e lutar contra uma educação das respostas que constituiu nossa vivência escolar.

O inédito viável que buscamos é justamente de encontrar não só a resposta, mas por meio das experiências fazer mais perguntas com as crianças.

Como desfecho desta proposta, ao invés das professoras responderem o que era aquela

vagem, desta ação, emergiram mais questionamentos para o que havia dentro de outros elementos naturais e resultando em um projeto de pesquisa. Projeto que, com a mediação das professoras reverberou em investigações, através dos elementos naturais e como suporte de mídias digitais como notebook e retroprojetores, para descobrir mais características para o que havia “dentro” da vagem do feijão-branco e também do pepino, banana, ovos, raízes, etc.

Outra situação-limite que foi observada, durante a ação de um projeto que visava um lugar no mundo da criança, em uma unidade pública de Educação Infantil no município de Navegantes-SC, em uma saída a campo, no logradouro onde está situada a unidade educacional, em que os alunos poderiam caminhar fora de filas, hábito mais que consolidado na referida unidade, em disposições que melhor exprimisse a sua singularidade criança, foi observado a escolha de formar a fila, e durante o trajeto manter a formação e não explorar, de forma ativa, a via, as paisagens e o trajeto.

As professoras estavam dispostas a certa distância, mas o estranhamento demonstrado pelas crianças por haver esse distanciamento, revelou o hábito de estarem sendo observadas de forma constante, e que seguir em fila, durante a saída de campo, era a forma correta de existir ao entorno da unidade educacional, e de seu próprio mundo ao existir no momento criança.

A situação-limite encontrada nesta pequena ação é revelada quando crianças não exploram um de seus lugares rotineiros. Não há sentimento de pertencimento ao trajeto feito até a unidade educacional, embora reconhecido pelas crianças como o caminho que chega até a escola, o que há é uma fragmentação de uma unidade chamada mundo.

Com a falta do referido sentimento cria-se a ausência de significado, postergado para a indiferença por um de seus locais de vivências e experiências no mundo, e amplificado para um possível pensamento da crença de que as situações são inevitáveis e que não somos agentes transformadores no e do mundo.

Em uma tentativa de transpor tal situação-limite, buscando o inédito viável, antes da adentrar a unidade escolar, propomos brincadeiras tradicionais, pega-pega e esconde-esconde, no logradouro, para iniciar a criação de vínculo com esse caminho até a escola.

6. O RELATO DE EXPERIÊNCIA

Percebe-se durante as leituras e discussões na pós-graduação norteadas pelos conceitos de fatalismo, situação-limite e inédito viável, pensado no contexto da nossa prática como professoras, na perspectivas dos autores já mencionados, durante as duas situações relatadas, nos fizeram concluir que uma parcela da Educação pode ser entendida como processo de conscientização e ação na superação da consciência fatalista.

A pedagogia da pergunta é um dos meios nas quais acreditamos poder ser a faísca que nos faz pensar na situação-limite.

O primeiro relato de experiência busca inéditos viáveis na possibilidade da pergunta na pedagogia da pergunta, para pensar em contextos de aprendizagem com crianças pequenas e que tais aprendizagens acontecem na experiência, na pesquisa e não na resposta imediata.

A segunda experiência relatada, traz a reflexão do lugar que a criança habita. A rua, o espaço externo, deixou de ser o espaço da brincadeira e do encontro, da criação de vínculo com o lugar em que se experimenta as vivências, e dentro dos muros da instituição, passou-se a determinar o modo de se viver do lado de fora.

Esta separação não deveria acontecer com muros físicos, já que a escola compõe a rua, o bairro, a comunidade e perpassa boa parte da vivência em Educação.

Estes dois relatos, com às duas práticas vivenciadas com as crianças, e durante as leituras e discussões na pós-graduação, permitiu olharmos para as nossas ações, para e com as crianças, com outras perspectivas, baseadas em Freire.

A reflexão da nossa prática se fez neste processo de aprendizagem que acontece por meio da ação-reflexão-ação, possibilitando compreender que mesmo que estejamos em diferentes situações, a busca por um inédito viável está justamente no movimento, na práxis

e não no modelo, na transferência ou depósito de conhecimento, esta no viver junto, no sentimento de pertencimento, no planejamento e execução colaborativas, no dever de ser mais.

Significar o que as crianças nos trazem em forma de perguntas ou pela observação das interações que acontecem nestes espaços institucionais, mas também social, são os inéditos-viáveis, as estratégias que buscamos realizar ou que observamos emergirem das crianças.

As propostas realizadas com as crianças não têm como objetivo somente o entreter, ocupar o tempo ou cumprir planejamentos, mas ações que para nós, fazem sentido através do significado (talvez sentido) e pertencimento que emergem nestas relações.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a nossa prática é uma situação-limite que nos deparamos em vários momentos da nossa existência. As tentativas de práxis na busca de inéditos-viáveis procedem da escuta, da realidade demonstrada pelas circunstâncias do nosso contexto, da curiosidade que as crianças nos instigam.

Em nossas práticas docentes, rejeitamos a mera transmissão de conhecimentos, as crianças não “[...] são como recipientes vazios, cabe aos professores – aqueles que sabem – enchê-los”. (Dickmann, 2020, p. 66), destacando que a constituição de uma educação bancária registrada em nossos corpos na infância por

vezes acomete-nos intencionalmente e, o exercício de pensar sobre a nossa própria docência são situações-limite.

Ao invés de propor situações como um circuito motor passivo, que a criança espera a sua vez sentada para realizar movimentos que a professora decidiu, entende-se que possibilitar vivências com o corpo, o que meu corpo consegue fazer por meio do brincar é de muito mais valia para a construção da consciência crítica e do sentimento de pertencimento.

O educador é o suporte, o que observa as necessidades e enriquece esse enredo através de contextos investigativos.

Ao observar o que tem dentro de uma vagem não é simplesmente dar uma resposta vazia conceituando o que é, mas, instigar pela curiosidade, pela pesquisa, possibilidades que a criança investigue e ela encontre caminhos para explorar e descobrir o que há dentro dessa vagem, conhecendo o valor cultural deste grão, quais culturas o utilizam como alimento, porque são de diferentes tamanhos, cores.

Compreender que estar para e com as crianças não são somente a busca de respostas, mas viver meios e, nos transformar no processo. Ao descobrir o que tem dentro, buscamos conhecer mais a nós mesmos, ao habitar as ruas do bairro é entender o pertencer, o que tem dentro de mim, reflete o que se vive fora dos muros.

Nas situações-limite que nos deparamos em nossas práxis, as nossas tomadas de

consciência compreendem que não é com a pré-determinação de atividades que resultará em uma educação mais humanizadora, mas, ao propor possibilidades pela escuta do novo do inédito, ao tomar a decisão de justamente não ser a decisão de todas as ações planejadas, compreendemos que a existência e a práxis destas professoras que vos escreve, é em não dar respostas.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.** – Brasília: MEC, SEB, 2010.

DICKMANN, Ivo. **Pedagogia do Ser Mais.** Chapecó: editora: livrológica, 2020, 170p.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito-viável. In: DANILO R. Streck, Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (orgs). **Dicionário Paulo Freire** – 2. ed. rev. amp. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 373-376p.

FREIRE, Ana M. A. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo (Org.). **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, editora: Paz e Terra, 2011, 143p.

FREIRE, Paulo. **À Sombra Desta Mangueira.** Rio de Janeiro, editora: Paz & Terra, 12 ed. 2019, p.256p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro, editora: Paz & Terra,

51 ed. 2021a, 189p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, editora: Paz & Terra, 80 ed. 2021b, 256p.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar.** São Paulo: Publisher Brasil, 2007. 112p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008, 200p.

HOLLIDAY. Oscar Jara. **Paulo freire vive!** Campanha latino-americana e caribenha em defesa do legado de Paulo Freire. Sistematização de dez experiências. ISBN 1ª. Edición, diciembre 2021 San José, Costa Rica; Guadalajara, México; Brasília, Brasil.

JARPERS, Karl. **Iniciação Filosófica.** Tradução: Manuela Pinto dos Santos. Guimarães editora, 1972, 203p.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire: um menino de 100 anos.** 2º impressão, Rio de Janeiro: NEFI, 2021, 199p.

PINTO, Álvaro Vieira. **Consciência e realidade nacional: A consciência crítica.** Vol 2. Rio de Janeiro, 1960, 639p.

ZITKOSKI, Jaime. Fatalismo /Fatalidade. In: DANILO R. Streck, Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (orgs). **Dicionário Paulo Freire** – 2. ed. rev. amp. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 298-300.